

Os mecanismos de defesa na obra de Melanie Klein

Gildo Katz¹

Resumo: O autor descreve os mecanismos de defesa do Eu na obra de Melanie Klein, tanto os encontrados na Posição Esquizoparanoide, como aquelas da Posição Depressiva. Examina também algumas diferenças entre as concepções kleiniana e freudiana a respeito desses processos. Embora Melanie Klein se baseie em Freud, ela difere, pois concebe os mecanismos de defesa do Eu a partir das angústias e das relações de objeto que se estabelecem desde o início da vida. Enfatiza a importância desses postulados de Melanie Klein na prática psicanalítica.

Palavras-chaves: Defesas. Melanie Klein. Posição depressiva. Posição esquizoparanoide. Prática psicanalítica. Psicanálise. Relações de objeto.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo sistematizar os mecanismos de defesa encontrados na obra de Melanie Klein, cuja importância para psicanálise é inquestionável, visto que são fenômenos com os quais o analista se depara a todo o momento em seu trabalho com os pacientes.

Os mecanismos de defesa na obra de Melanie Klein vinculam-se ao seu conceito de Posição, cuja síntese aparece em seu trabalho de 1952, *Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês* (1952/1971). Esse conceito de Posição refere-se a um ordenamento situacional – uma constelação de fantasias,

¹ Membro titular com função didática da SBPdePA.

relações de objetos, mecanismos de defesa – que se instala como resposta a um tipo específico de angústia. Nesse sentido, existem, para ela, dois tipos fundamentais de angústia: a paranoide e a depressiva, as quais irão, respectivamente, estruturar as Posições Esquizoparanoide e Depressiva.

Dentro dessas concepções, os mecanismos de defesa já existem desde o nascimento e constituem-se na reação de um Eu rudimentar, cuja função inicial é a de tentar dominar a angústia causada pelo trauma do nascimento, o qual, segundo Freud, e corroborado posteriormente por Melanie Klein, provoca um desequilíbrio pulsional com o predomínio das pulsões destrutivas (Pulsão de Morte). A dor e o incômodo experimentados pelo bebê, assim como a perda do estado intrauterino, são sentidos como um ataque de forças hostis, isto é, como persecutório. Mas, ao contrário de Freud, Melanie Klein acredita que, desde o começo da vida, as primeiras experiências do bebê com a alimentação e com a presença da mãe iniciam uma relação de objeto com ela. Essa relação é, primeiramente, uma relação com um objeto parcial – o seio da mãe – o qual passa a ser o representante do instinto de morte, sendo, então, vivenciado como hostil e devorador. Logo, a satisfação com a alimentação e com os cuidados corporais leva a incorporar um seio bom, representante da pulsão libidinal que irá formar o núcleo do Eu.

É, portanto, a partir da angústia e das relações de objeto que se estabelecem desde o início da vida que Melanie Klein concebe e explica os mecanismos de defesa do Eu, os quais, para ela, como assinalado, existem desde o nascimento.

Os mecanismos de defesa da posição esquizoparanoide

A - Cisão

Quando o Eu se vê avassalado por uma angústia intolerável, ele tende a se desfazer dessa angústia, projetando uma parte de si mesmo. Mas, como nesse período da vida não existe para o bebê nem espaço nem diferenciação entre o mundo interno e o externo, o processo de projeção implica, então, em uma cisão prévia dentro do Eu e da relação deste com o objeto-seio da mãe.

O mecanismo é considerado fundamental dentro da concepção kleiniana sobre os processos defensivos. Como decorrência dessa cisão, o bebê divide o seu mundo em duas regiões de experiências, a saber: de um lado, tudo que é doloroso, frustrante e ameaçador é atribuído ao seio mau, enquanto que tudo o que é gratificante, prazeroso e reassegurador é atribuído ao seio bom. Esses irão se constituir no protótipo de todas as relações objetais posteriores ou no núcleo do Eu conforme salienta Melanie Klein.

O mecanismo de cisão tem como função principal separar o objeto protetor do objeto mau e assim preservar o Eu e o objeto bom de sua destruição, caso contrário, acarretaria um sentimento de caos e de desintegração por forças internas destrutivas, as quais, para Melanie Klein, vinculam-se à pulsão de morte. Da mesma forma, o mecanismo de cisão está na base de todos os processos discriminatórios posteriores, tais como a noção de interior e exterior, do fantasiado e do real, do bom e do mau, entre outros.

Freud também descreveu esse mecanismo, especialmente em seus trabalhos de 1938: *Cisão do Eu no processo de defesa* (1940/2007) e *Esboço de psicanálise* (1940/1975b). No entanto, refere-se à cisão como um mecanismo que ocorre em etapas posteriores – a fase fálica, uma vez que se trata de uma defesa vinculada à angústia de castração. Além disso, não considera a cisão como defesa propriamente dita, mas como uma consequência de outras defesas, como a recusa e a rejeição.

A cisão está intimamente conectada com dois outros mecanismos: a negação e a identificação projetiva, os quais Baranger (1971) denomina “a trilogia básica da Posição esquizoparanoide” (p. 121).

B - Introjeção e Identificação Introjetiva

O conceito de introjeção, introduzido em 1911 por Ferenczi (1909/1959) e realmente descrito por Freud em 1915, em seu trabalho *Luto e melancolia* (1917/1975a), tem um papel decisivo na formação e na estruturação do Eu e do Supereu.

Segundo Baranger (1971), a teoria kleiniana sobre esse mecanismo abrange dois tipos de introjeção. No primeiro deles, o processo ocorre tal como foi descrito por Freud, ou seja, a pessoa incorpora um objeto e o assimila paulatinamente, como acontece no luto. No segundo, a introjeção se produz simultaneamente com uma cisão do Eu, onde uma parte do mesmo passa a conter o objeto introjetado, mantendo com o resto do Eu uma relação intrapsíquica.

Ao levar em conta esse segundo aspecto da introjeção, poder-se-ia questionar se toda a introjeção levaria necessariamente a uma identificação com o objeto. Para Grinberg (1976), isso não acontece. Ele acredita que essa diferenciação é necessária, porque permite a discriminação entre a identificação e outros processos mentais que, como consequência da introjeção, ocorrem no interior do psiquismo no plano dos objetos internalizados. Um exemplo disso seria o de que, diante da separação temporária da mãe, o objeto amado, por introjeção, poderia ser preservado com segurança no interior do bebê. Grinberg escreve que

o mecanismo de introjeção surge como uma defesa contra a angústia e a frustração (decorrente dessa separação) e protege a criança de ser inundada pela agressão e pela raiva, permitindo-lhe um prazer substitutivo transitório que lhe facilitará, depois, aceitar o seio externo real, quando a mãe reaparece. (1976, p. 43)

Mas, como bem pode ser observado no exemplo acima descrito, todo o mecanismo de introjeção pressupõe uma relação do Eu com o objeto, o que em verdade é ideia fundamental de Melanie Klein. Dentro dessa concepção, é de se concluir que não poderia haver uma introjeção de um objeto sem uma correspondente identificação do Eu com esse objeto. A identificação do Eu com o objeto constitui-se no mecanismo denominado por Melanie Klein (1946/1969) de *identificação introjetiva*. Esse pode ser definido, portanto, de acordo com Hanna Segal, como “o resultado da introjeção do objeto no Eu, o qual, então, se identifica com algumas ou todas as suas características” (1973/1975, p. 38).

Assim como os demais mecanismos, ele também faz parte do desenvolvimento normal. Como já foi dito, a mãe e, em primeiro lugar, o seio, é o primeiro objeto dos processos introjetivos. O seio bom introjetado e sua correspondente identificação introjetiva forma uma parte vital do Eu, exercendo, desde o início da vida, uma influência fundamental no processo de desenvolvimento e integração do Eu, pois estimula a capacidade de amor do bebê, a confiança nos seus objetos, diminuindo, em consequência, a angústia. Esse mecanismo, portanto, é o essencial na constituição do mundo interno.

Os processos introjetivos poderiam ser mais bem compreendidos se se levasse em conta que eles ocorrem simultaneamente com os mecanismos projetivos, os quais influenciam, decisivamente, aqueles.

C - Projeção e Identificação Projetiva

Segundo Melanie Klein (1946/1969), existe uma diferença entre o mecanismo da projeção descrito por Freud e o mecanismo da identificação projetiva. No primeiro, o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos e desejos que ele desdenha ou recusa em si. Na identificação projetiva, dissociam-se partes do Eu e dos objetos internos que são projetados no objeto externo, o qual, então, torna-se possuído e controlado pelas partes projetadas, identificando-se com elas. Isso acarreta, segundo Melanie Klein, que o objeto (externo) da identificação projetiva seja vivenciado, não como um perseguidor comum, senão como um aspecto do próprio Eu, produzindo-se, assim, certa indiscriminação entre o Eu e o objeto, pois o objeto chega a substituir a pessoa ou confundir-se com ela.

Para Baranger (1971), a obra de Freud está repleta de exemplos de identificação projetiva. Para ele, “a linha demarcatória entre a projeção e a identificação projetiva é muito difícil de demonstrar” (p. 133). Acrescenta que “alguém se poderia perguntar se a projeção ‘pura’, tal como a descreveu Freud, é possível de se encontrar na experiência concreta, ou dito de outra forma, se certo grau de identificação projetiva não a acompanha sempre?” (p. 134).

Esses processos projetivos, como assinala Melanie Klein (1946/1969), surgem desde a primeira relação do bebê com o seio da mãe. Ao mamar, as fantasias de esvaziamento do seio, de tudo que é bom e desejável, suscitam no bebê outras, como a de penetrar dentro do seio e depois dentro do corpo da mãe. Ataques derivados de todas as demais fontes de sadismo (anais e uretrais) vinculam-se, simultaneamente, a esses ataques orais. A fantasia inconsciente subjacente é a de que os excrementos e as partes más do Eu são projetadas dentro da mãe, não só para danificá-las, como também para controlar a mãe e tomar posse de seus conteúdos. Em consequência, a mãe não é vivenciada como um indivíduo separado, mas como uma parte má da pessoa contra quem se dirige todo o ódio. É o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Porém não apenas impulsos agressivos intervêm na identificação projetiva; também se projetam excrementos bons e partes “boas” do Eu, isto é, partes amadas de si próprio.

Como resultado da identificação projetiva, ocorre um debilitamento do Eu, porque se perde no processo aspectos e atividades úteis ligadas, de alguma forma, ao exercício da agressão: o poder, a força, o conhecimento, a potência genital podem ter desaparecido da pessoa e passados a ser considerados como pertencentes exclusivamente ao objeto. Da mesma maneira, a projeção de aspectos “bons” resulta também num empobrecimento do Eu, pois a idealização do objeto resulta numa dependência extrema do Eu em relação ao objeto bom (idealizado) que vem a substituir o mais valioso da pessoa.

Em seu trabalho de 1955, *Sobre a identificação*, Melanie Klein (1955/1975b) sustenta um ponto de vista diferente em relação a esse mecanismo. Não o considera somente com características patológicas, mas também como um processo normal na vida psíquica do indivíduo, capaz de levar a um enriquecimento do Eu. Ao assinalar a projeção de partes “boas” do Eu nos objetos externos, ela considera a identificação projetiva essencial para o desenvolvimento posterior de boas relações objetais. Ao projetar esses aspectos bons, o Eu pode sentir que é capaz de reintrojetar o amor que tinha colocado fora e também que pode tomar dentro de si a bondade que provém de outras fontes e, assim, enriquecer-se com o processo total. Nesse caso, as partes dissociadas do Eu são mais coerentes entre si e mais facilmente recuperadas, isto é, o que

foi colocado no objeto pode retornar mais facilmente ao Eu. Esse processo constitui-se na base da comunicação normal e na empatia. É preciso assinalar, a título de esclarecimento, que Melanie Klein também descreveu o mecanismo de identificação projetiva como dirigido a objetos internos. Baranger (1971) chama a atenção para o fato de que esse tipo de identificação tem “obviamente muito que ver com os transtornos da identidade e com os clássicos casos de ‘dupla personalidade’ descritos pela psiquiatria clássica” (p. 33).

Com essa contribuição de Melanie Klein no trabalho de 1955 (1955/1975b), podemos observar também a interação dos processos introjetivos e projetivos anteriormente destacados. Quando os processos de identificação projetiva são excessivos, podem perturbar seriamente os mecanismos introjetivos, já que esses podem ser, então, vivenciados como violentas reintrojeções forçadas provenientes do exterior como represália a violentas projeções prévias. Dessa maneira, torna-se difícil o imprescindível processo de introjeção de bons objetos. Da mesma forma, o empobrecimento do Eu produzido pela identificação projetiva, quando em excesso, pode impedir a assimilação dos objetos. Esses permanecem como corpos estranhos ao Eu e a pessoa se sente submetida a eles e regida por eles.

Portanto, como enfatiza Melanie Klein (1971), introjeção e projeção, identificações introjetivas e projetivas, devem manter-se em equilíbrio equitativo, para que se possa realizar um desenvolvimento harmônico da personalidade.

Hanna Segal (1973/1975) resume os múltiplos propósitos do mecanismo de identificação projetiva assim:

1. Pode ser dirigido a um objeto ideal, a fim de evitar a separação, ou ao objeto mau, para obter o controle sobre a fonte de perigo.
2. Pode-se projetar, portanto, várias partes do Eu com o intento de:
 - a) projetar partes más tanto no sentido de livrar-se delas como de atacar e destruir o objeto;
 - b) projetar partes boas para evitar a separação, ou para mantê-las a salvo da maldade interna, ou ainda para melhorar o objeto externo através de uma espécie de primitiva reparação projetiva.

D - Negação da Realidade Psíquica

Segundo Melanie Klein (1971/1952) o mecanismo em questão se origina em uma fase muito primitiva onde o Eu, ainda não desenvolvido, tenta defender-se da angústia extremamente aterradora e profunda que está vinculada aos perseguidores internos. O que antes de tudo se nega, diz ela, é a realidade psíquica, e o Eu pode, então, seguir negando grande parte da realidade externa. Isso implica considerar como inexistentes não só partes dos impulsos e das fantasias

inconscientes como também aspectos correspondentes da realidade externa e do Eu. Da mesma forma, o sujeito e o objeto encontram-se indiferenciados e com isso evita-se o sentimento de dependência do objeto.

A negação onipotente de qualquer objeto ou situação frustrante é, no inconsciente, igual ao aniquilamento desse objeto ou situação, pelo impulso destrutivo. No entanto, não é somente uma situação ou um objeto que é negado e aniquilado, mas é uma relação de objeto que sofre esse destino e, por isto, uma parte do Eu, da qual emanaram sentimentos em relação ao objeto, é negada e aniquilada ao mesmo tempo.

A negação interfere intensamente em outros mecanismos de defesa, em especial na introjeção e na projeção, estando na base das psicoses mais graves. Para Freud (1925/1976), esse processo defensivo está relacionado apenas com a negação da percepção da realidade externa. No entanto, suas ideias estão de acordo com Melanie Klein (1946/1969) quanto à importância desse mecanismo na gênese das psicoses.

E - Idealização

Trata-se de um mecanismo que em princípio, é uma decorrência direta da angústia persecutória e do processo de cisão do Eu e dos objetos.

Quando ocorre o mecanismo de cisão, o bebê tende a separar o seio da mãe num seio mau-perseguidor e num seio bom-protetor. Como a característica das emoções dos bebês de tenra idade é a de ser extremas e poderosas, o objeto frustrante é considerado como um perseguidor terrível, enquanto o bom objeto é sentido como “ideal”, capaz de saciar todos os desejos da criança. Assim, o bebê tem a impressão de possuir um seio perfeito, sempre em disponibilidade e capaz de gratificações ilimitadas.

Para Melanie Klein (1946/1969), outro fator que interfere na idealização do seio bom é a intensidade da perseguição no bebê. Isso cria a necessidade de ser protegido contra os perseguidores e, portanto, incrementa o poder de um objeto totalmente gratificante. O seio idealizado constitui-se, portanto, no corolário do seio perseguidor e, na medida em que a idealização deriva da necessidade de proteção dos objetos perseguidores, é um modo de defesa contra a angústia.

Como salientou Melanie Klein (1946/1969), também o mecanismo de negação e o controle onipotente dos objetos internos e externos intervêm nesse processo de idealização. Aqui é importante diferenciar o seio idealizado, decorrente da negação onipotente utilizada contra a perseguição excessiva, do objeto de amor (seio bom), protótipo de todas as futuras relações gratificantes do indivíduo e fonte de identificações estáveis e discriminadas. No primeiro caso,

no entanto, o que ocorre, como assinalou Hanna Segal (1973/1975), é uma identificação com um objeto perseguidor (um mau objeto) que conduz a sérias perturbações na personalidade, as quais são frequentemente encontradas no tratamento de pacientes esquizoides. Não é demais lembrar que esse mecanismo também faz parte do desenvolvimento normal do indivíduo.

F - Controle onipotente dos objetos.

Os mecanismos de defesa estudados anteriormente estão intimamente vinculados ao controle onipotente dos objetos. Neste, o Eu assume a posse total de ambos os seios, externo e interno, bem como estabelece o destino deles. Assim, por exemplo, pode manter dissociado o seio ideal do perseguidor, pode negar o objeto frustrante e fantasiar que só existe o seio ideal no interior, como ocorre na gratificação alucinatória de desejos, conforme exemplo descrito por Melanie Klein no seu trabalho de 1952 (1952/1971), antes referido. Todas essas fantasias estão ligadas a um forte sentimento de onipotência que prevalece nos primeiros estágios da vida.

Os mecanismos de defesa da posição depressiva

Os mecanismos da Posição Depressiva são os mesmos da Posição Esquizoparanoide. A diferença reside em que:

- a) estão vinculados à percepção da mãe como uma pessoa ou, em outras palavras, como um objeto total;
- b) são utilizados, predominantemente, para neutralizar a angústia depressiva, isto é, são utilizados pelo Eu para impedir a agressão ao objeto e, por conseguinte, o medo da perda dos objetos amados. O mundo interno inclui, de um lado, objetos introjetados preservados, vivos, protetores e do outro, objetos danificados, em perigo, maltratados e talvez moribundos ou mortos.

As defesas, nesse período, caracterizam-se por serem menos violentas que na Posição Esquizoparanoide. Da mesma forma que as defesas daquele período, estas, mais do que aquelas, contribuem com o progresso e a integração do Eu, o qual se torna mais capacitado a reduzir os seus processos de autofragmentação, a recuperar suas partes projetadas e a discriminar a magnitude dos perigos, as qualidades reais dos objetos de seu ambiente, o mundo externo e o mundo interno. Como decorrência, o Eu tende a se adaptar mais à realidade e, por isso, Melanie Klein (1952/1971) considera essa posição como o eixo de todo o desenvolvimento do indivíduo.

A reparação e outras defesas da posição depressiva

A. A reparação

Melanie Klein, desde o início de seu trabalho, percebeu a força das pulsões sádicas da criança em um nível oral. Ao lado das fantasias violentas, surpreendeu-se também com as demonstrações da capacidade de amar das crianças. Elas exibiam comportamentos que interpretou como remorso, cuidado, restauração, restituição, compaixão, entre outros. Da coexistência de impulsos sádicos e amor surgem as intenções das crianças em restabelecer os objetos danificados: pais, irmãos e o analista. O termo reparação foi utilizado a partir de 1929 de maneira fortuita, em seu trabalho *Situações infantis de angústia refletidas em uma obra de arte e o impulso criativo* (1929/1996), no sentido de defesa, mas na medida em que avançou sua teoria, a palavra ganhou sentido de um passo no desenvolvimento infantil.

A primeira ideia sobre o termo emanou de sua incursão no processo criativo através de uma ópera e de uma pintura. Sua primeira explicação era baseada na teoria da libido. Sustentava que, no desenvolvimento ontogênico, o sadismo é superado quando o sujeito alcançava um nível genital, então adquiria uma maior capacidade para amar o objeto e, assim, superar seu sadismo mediante a piedade e compaixão. A libido era a força impulsora da reparação. Nesse momento de seu pensamento, Klein considerava a reparação dentro da ordem da sublimação, como destrezas criativas socialmente aceitáveis. Somente em 1935, em concordância com sua teoria da posição depressiva, modificou essa explicação sobre reparação. Dessa maneira, o entendimento sobre a pulsão de morte descrita na *Psicanálise da criança* (1932/1975a), em 1932.

A reparação instaura uma nova relação do sujeito com o objeto: implica que existem duas pessoas diferentes, com limitações e privações, mas independentes uma da outra. Em 1929, Klein não havia feito uma delimitação precisa entre sublimação e reparação. Inclusive, às vezes, considerava a reparação como um tipo de resposta reativa. Mas, após expor a teoria da posição depressiva, enfatizou que a reparação não era um mecanismo de defesa, mas uma parte do desenvolvimento da criança. Sustentou que a posição depressiva não só exige um trabalho de luto, mas, também, demanda um trabalho de reparação.

Após alcançar a separação entre um objeto bom e um mau, o Eu começa a experimentar as angústias próprias da posição depressiva. Nesta, o Eu toma contato com a realidade psíquica, experimenta pesar pela destruição e perda do objeto bom e toma consciência da ruína causada por seu sadismo. Frente a essa condição, o Eu se identifica com o objeto bom, o qual é de maior importância para pôr em marcha o desejo inconsciente de reparar os objetos danificados pelo

seu ódio. Portanto, a reparação é inerente à identificação com o objeto bom e consiste em uma fantasia inconsciente de restauração desse objeto, vítima de agressões sádicas. Em 1957, depois de propor a teoria da inveja, constatou que a reparação tinha lugar sobre um objeto que havia recebido ataques invejosos (Klein, 1957/1974).

Na posição depressiva, o indivíduo introjeta o objeto como um todo, reconhece seu valor, identifica-se com ele como objeto amado e toma contato com o estado de desintegração a que foi reduzido o objeto com seus ataques sádicos. O contato com essa realidade psíquica desperta um estado de angústia, culpa e desespero por procurar reunir corretamente, e em seu devido tempo, os pedaços do objeto para restituir-lhe a vida e resgatá-la externa e internamente. Foi a esse tipo de reparação a que se referiu Melanie Klein em 1935.

A reparação envolve os objetos do mundo interno, mas, também compromete o sujeito quanto ao real cuidado aos objetos externos, nos quais projetou o dano interno. O objeto externo e o interno sempre são vivenciados simultaneamente. Os cuidados ao objeto vão além do tipo de relação sentimental e romântica com uma pessoa idealizada, posto que os sentimentos genuínos de amor referem-se a cuidados realistas, práticos e naturais. Klein enfatiza que a consideração pelo objeto implica na capacidade de “colocar-se no lugar do outro”, de identificar-se com ele e de sentir culpa pelo dano causado. Em outras palavras, supõe “sofrer” pelo objeto. (Lince, 2012/2014, p. 209)

Como já foi mencionado, quando Klein começou a falar de reparação, não a diferenciava da formação reativa, mas em 1935 faz uma clara distinção. Com a formação reativa, como destacava Freud, o Eu desfaz ou anula magicamente uma agressão que persiste, no entanto, no inconsciente, é uma ação simples contrária ao desejo, é “o sintoma primário de defesa” (1896/1996, p. 169). Além disso, em 1929, no seu trabalho sobre a arte e o impulso criativo Klein (1929/1996) também não separava a reparação da sublimação: a reparação, diferentemente da sublimação, não é uma descarga de pulsão, expressa-se na esfera da fantasia inconsciente e em efeitos de remediar o dano ou a destruição causada a um objeto pelo ódio. Segundo Lince, “na obra de Klein, o conceito de reparação nunca substitui o de sublimação, inclusive ela assinala que a reparação facilita a sublimação” (Lince, 2012/2014, p. 209). Em outras palavras, a reparação incrementa a gratificação libidinal.

A reparação é uma fantasia inconsciente de restituição da integridade do objeto interno bom, e a repetição exitosa dessa experiência consolida o Eu e incrementa sua tolerância às frustrações, sem ódios que o atormentem. As fantasias de reparação do objeto interno repercutem na condição real do objeto externo, pois os efeitos da reparação do primeiro sempre recaem sobre o segundo:

o reconhecimento da culpa com esse objeto, a ameaça de sua perda e a dor a que foi infligido. O apropriado discernimento da realidade psíquica tem como consequência o reconhecimento da culpa, da ameaça de perda do objeto bom interno e da dor que lhe causou, e implica o reconhecimento do caráter não onipotente da reparação sobre o objeto interno. Depois de tudo, sujeito e objeto externo são indivíduos separados, diferentes e autônomos, e isso também indica que o objeto externo não é necessariamente um correspondente da reparação que o indivíduo efetuou sobre um objeto interno.

À luz da teoria da posição depressiva, **a reparação não é uma defesa do Eu**. A reparação é uma conquista da posição depressiva, é um passo no desenvolvimento que acarreta a adaptação do Eu à realidade ao contrário das defesas maníacas, obsessivas e do recalque.

B. As defesas maníacas

Melanie Klein, em seu trabalho de 1934, *Contribuições à psicogênese dos estados maníacos-depressivos* (1935/1964a), salienta que na “mania, o Eu busca refúgio não só da melancolia, como também de uma situação paranoica que não pode evitar” (p. 268). Essa afirmação de Melanie Klein, que nos parece de grande valor clínico, suscita, no entanto, muitas dúvidas sobre a natureza e a característica das defesas maníacas.

As defesas maníacas seriam, em seu conjunto, uma posição – a posição maníaca – como destacou Melanie Klein nesse trabalho de 1934 (1935/1964a). Caso contrário, encontrar-se-iam tanto na posição esquizoparanoide como na posição depressiva, como se depreende do texto de 1934 (1935/1964a). Ou somente se encontrariam as defesas maníacas na posição depressiva, como sustentam alguns analistas como Hanna Segal (1973/1975). Mas, quais seriam as características específicas dessas defesas que as diferenciariam dos mecanismos pertencentes à posição esquizo-paranoide e à posição depressiva?

Primeiramente, a denominação de posição maníaca foi utilizada no trabalho de 1935 e em *Luto e sua relação com os estados maníaco-depressivo*, de 1940 (1940/1964b), sendo, posteriormente, abandonada por Melanie Klein. Diz Baranger (1971) que “existe um fator que fará desaparecer a posição maníaca da lista das posições: a ausência de uma angústia específica” (p. 13).

Em segundo lugar, parece claro que as defesas maníacas se encontram tanto na posição esquizoparanoide como na posição depressiva. Hanna Segal, ao contrário, define, no Glossário do seu livro de 1973, *Introdução à obra de Melanie Klein*, as defesas maníacas como “mecanismos que se desenvolvem durante a posição depressiva como defesa contra a experiência de angústia depressiva, culpa e perda” (1973/1975, p. 140). No entanto, a própria natureza do conflito

na mania, como assinala Melanie Klein, leva-nos a pensar na presença desses mecanismos na posição esquizoparanoide. Segundo ela, que esse conflito reside na incapacidade do Eu para renunciar aos seus bons objetos internos, tratando, no entanto, de escapar aos perigos de subordinação por parte deles e também dos maus objetos (1940/1964b, p. 291). Portanto, as defesas maníacas destinam-se, inicialmente, a defender o Eu do temor frente aos perseguidores internos e, posteriormente, vinculam-se às angústias de cunho depressivo.

Em um terceiro ponto, os mecanismos de defesa que, no seu conjunto, formam as defesas maníacas são os mesmos dos mecanismos da posição esquizoparanoide, mas sem dúvida guardam a sua especificidade. Assim, Melanie Klein escreve que “o que primeiro e principalmente caracteriza a mania, é que tais defesas protegem o Eu do desespero total que a situação depressiva acarreta” (1940/1964b, p. 298).

C. Defesas obsessivas

Segundo Baranger (1971), para Melanie Klein, as defesas obsessivas são um conjunto de processos integrativos necessários ao desenvolvimento normal e que aparecem durante o segundo ano de vida, destinados a modificar, aliviar, distribuir as angústias paranoide e depressivas que são provenientes de todas as fontes possíveis (orais, anais e uretrais). Essas defesas têm, portanto, um papel essencialmente progressivo, ainda que possam, em certos casos, levar a detenções no desenvolvimento ou a manifestações regressivas.

Baranger (1971) salienta que existem importantes diferenças teóricas entre as considerações de Melanie Klein e Freud a respeito das defesas obsessivas. Inicialmente, as defesas obsessivas aparecem num momento evolutivo mais primitivo do que acreditava Freud. Em um segundo momento, para Melanie Klein, “já não se trata de angústias relacionadas tão somente com os processos anais, mas também com os uretrais e orais” (Baranger, 1971, p. 159).

Em um terceiro ponto,

ela situa as suas descrições sobre esses mecanismos em dois níveis: De um lado o das zonas erógenas envolvidas nas fantasias geradoras de angústias e do outro, o da qualidade da angústia, isto é, que essas defesas se estabelecem tanto contra a angústia persecutória da posição esquizo-paranoide, como contra a angústia da posição depressiva. (Baranger, 1971, p. 159)

Em quarto lugar, a defesa obsessiva se constitui numa modalidade de relação objetal, na medida em que, de acordo com Melanie Klein, “o impulso a controlar os outros é um elemento essencial das neuroses obsessivas e está vinculado ao mecanismo de identificação projetiva” (Baranger, 1971, p. 159).

A princípio, as defesas obsessivas têm o propósito de proteger a criança do medo de experimentar a destruição do seu próprio corpo através de objetos persecutórios. Clinicamente, observa-se que o fracasso dos mecanismos obsessivos abre o caminho a manifestações paranoides subjacentes e, em casos mais graves, a uma psicose paranoica.

Ao lado disso, essas defesas como já foi visto, também estão vinculadas ao temor que a criança sente de atacar e destruir o corpo de seus objetos. Nesse sentido, Melanie Klein (1932/1975a) considera as defesas obsessivas como um dos métodos de elaboração da posição depressiva, pois, segundo ela,

a opinião de Freud a respeito da formação reativa e da anulação no processo da neurose obsessiva, está subjacente ao meu conceito de reparação o qual, além disso, abrange os distintos processos mediante os quais o Eu sente que anula o dano fantasiado contra o objeto, restaura-o, preserva-o e revive-o. (p. 226)

Mas a reparação de características obsessivas está baseada na onipotência, na negação e no controle dos objetos e, portanto, não conduzem a verdadeiras reparações, aproximando-se, em vez disso, *das reparações do tipo maniaco*, ou seja, reparações que não são destinadas ao objeto atacado, mas desviadas para figuras secundárias. Nesses casos, o indivíduo nega a culpa e o valor do objeto primário.

Um dos achados clínicos mais valiosos de Melanie Klein foi, sem dúvida, o de enfatizar a relação entre a defesa obsessiva e a defesa maníaca: “quando as defesas maníacas falham, diz ela, o Eu é levado de forma alternada ou simultânea a combater os temores de deterioração ou de desintegração, buscando reparações levadas a cabo de forma obsessiva” (1935/1964a, p. 318). Por outro lado, ela salienta que o fato de as defesas maníacas operarem em uma relação tão estreita e simultânea com as defesas obsessivas vincula-se ao fato de que ambas são frustrantes e o Eu utiliza ora uma, ora a outra, quando se vê avassalado pela angústia depressiva.

Melanie Klein (1935/1964a) cita como exemplo desses atos obsessivos que levam a tentativas de reparação a tendência da criança em pedir que os adultos repitam, muitas vezes, um determinado conto infantil com as mesmas expressões com que foi contado pela primeira vez, constituindo-se, portanto, num verdadeiro ritual obsessivo.

No entanto, todos esses mecanismos defensivos (maníacos e obsessivos) contribuem de forma valiosa para o desenvolvimento do Eu, pois favorecem uma maior integração e força, o que torna possível a paulatina elaboração, modificação e diminuição da angústia. Porém, diz ela,

os mecanismos obsessivos são apenas uma das defesas nesse estágio do desenvolvimento. No caso de se tornarem a defesa essencial, isto pode ser tomado como indício de que o Eu não pode manejar suficientemente a angústia, e que uma neurose obsessiva severa está se desenvolvendo na criança. (Klein, 1952/1971, p. 227)

Da mesma forma, no que se refere à relação desses mecanismos obsessivos com os maníacos, observa-se que, se de início eles mantinham uma intrínseca relação com esses mecanismos, mais tarde eles se opõem a eles, constituindo-se, portanto, em uma fonte de progresso, como acima foi salientado. Quando a criança não consegue uma discriminação entre os mecanismos maníacos e obsessivos, além do aparecimento de neuroses obsessivas e regressões a estados paranoides, podem ocorrer também regressões a estados depressivo-melancólicos, assim como quadros de homossexualidade. Além disso, não se pode esquecer que uma má elaboração dessas defesas pode levar a criança a uma inibição intelectual importante, porque o desejo de saber constitui-se em uma via elaborativa da defesa obsessiva. Foi esse aspecto que levou Melanie Klein a se interessar pelo atendimento de crianças.

D. O recalque

Para Melanie Klein, existe uma relação direta e intrínseca entre o recalque e a posição depressiva, ou seja, não pode existir recalque propriamente dito, senão como o resultado de uma primeira elaboração da posição depressiva e da consequente formação de uma estrutura psíquica muito mais elaborada que a encontrada em jogo nas defesas primitivas.

O recalque se estabelece sobre a base da cisão. As suas características dependem da maneira com que foi elaborada a cisão. Se esta foi muito violenta, o recalque será muito rígido, se foi moderada, a barreira recalcada será mais elástica e permitirá uma maior comunicação entre o consciente e o inconsciente. Para Melanie Klein, uma diferença clínica entre esses dois mecanismos de defesa reside no fato de que a cisão, em suas formas extremas e primitivas, estaria relacionada à etiopatogenia das psicoses, enquanto o recalque estaria vinculado às neuroses.

Quanto ao momento evolutivo em que aparece o recalque, ela acreditava que ele começava a operar, aproximadamente, no segundo ano de vida da criança e, portanto, muito anteriormente ao que Freud preconizava. No entanto, existem outras diferenças entre as suas concepções e as de Freud.

Klein considerava que o recalque, primeiramente, não se estabelece contra as pulsões libidinais em si, mas contra as pulsões e as fantasias tanáticas e, secundariamente, contra as fantasias libidinais que encobrem aquelas. Baranger (1971) afirma que a análise de qualquer dificuldade sintomática na atividade

genital (impotência e frigidez) passa inicialmente pelo exame das fantasias agressivas envolvidas no coito, o que corroboraria as ideias de Melanie Klein.

Outra diferença em relação à concepção de Freud sobre o recalque reside no fato de que ela recai tanto sobre as pulsões, como sobre as fantasias e sobre os objetos perigosos.

Comentários finais

Pretendi, com este trabalho, descrever os mecanismos de defesa na obra de Melanie Klein conforme eles foram desenvolvidos ao longo de seus estudos. Como salienta Etchegoyen (2014), muitos autores não dão o devido valor a esses mecanismos. Ele escreve:

que este é um erro e uma injustiça já que ao colocar o Eu desde o início da vida, Klein destaca, através dos mecanismos defensivos, sua importância no processo de desenvolvimento emocional e, . . . estes autores não se deram conta de que ela descobriu as defesas primitivas, quando o Eu ainda não era coerente, quando ainda não está organizado. (p. 223)

Uma vez que ela coloca essas defesas em etapas primitivas e os afetos são basicamente violentos, suas intervenções soaram como insólitas e inaceitáveis. Isso ocorreu principalmente com seus seguidores que transportaram diretamente essas interpretações da criança para o adulto, desacreditando a autora em várias partes do mundo.

Conforme foram evoluindo suas ideias através dos analistas pós-kleinianos, tais pensamentos foram melhor compreendidos e as interpretações deixaram de utilizar concretamente partes do corpo para enfatizar os aspectos funcionais do seio e do corpo da mãe, entre outros. Nesse sentido, o uso dos processos defensivos é indispensável na prática analítica, principalmente a negação da realidade psíquica, a cisão e a identificação projetiva.

Defense mechanisms in the works of Melanie Klein

Abstract: The author describes the defence mechanisms in Melanie Klein's work, those found the Paranoid-Schizoid Position and in the Depressive Position as well. He also examines some differences between these processes. Even though Melanie Klein has based her work upon Freud's theory, she differs from him since she conceives the defence mechanisms beginning with the anxieties and the object-relationships which set with the birth. He emphasizes the value of these Melanie Klein's postulates in the psychoanalytical work.

Keywords: Defenses. Depressive position. Melanie Klein. Object relations. Psychoanalysis. Psychoanalytic practice. Schizoid-paranoid positions.

Referências

- Baranger, W. (1971). *Posición y objeto en la obra de Melanie Klein*. Buenos Aires: Ediciones Kargieman.
- Etchegoyen, H., & Minuchin, L. (2014). *Melanie Klein: Seminarios de introducción a su obra*. Buenos Aires: Ediciones Biebel.
- Ferenczi, S. (1959). Introyección y transferencia. In *Sexo y psicoanálisis*. Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (1975a). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1975b). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 163-237). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1976). A negativa. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (2007). A cisão do Eu no processo de defesa. In L. A. Hans (Trad.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Grinberg, L. (1976). *Teoría de la identificación*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Klein, M. (1964a). Contribución a la psicogénesis de los estados maniaco-depresivos. In *Contribuciones al psicoanálisis* (pp. 253-278). Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Trabalho original publicado em 1935)
- Klein, M. (1964b). El duelo y su relación con los estados maniaco-depresivos. In *Contribuciones al psicoanálisis* (pp. 279-301). Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Trabalho original publicado em 1940)

- Klein, M. (1969). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In *Os progressos da psicanálise*. (pp. 313-343). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado 1946)
- Klein, M. (1971). Algunas conclusiones teóricas sobre la vida emocional del bebe. In *Desarrollos en psicoanálisis* (pp. 177-207). Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (1974). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Klein, M. (1975a). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1932)
- Klein, M. (1975b). Sobre a identificação. In *O sentimento de solidão* (pp. 74-132). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955)
- Klein, M. (1996). Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929)
- Lince, B. A. (2014). *Melanie Klein: Teoria e técnica*. Buenos Aires: Editorial Polemos. (Trabalho original publicado em 2012)
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1973)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 21/06/2021

Aceito em: 12/07/2021

Gildo Katz
Rua Mariante, 288 / 1208
90430-180 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: gildokatz@gmail.com